

SVEVA CASATI MODIGNANI

6 DE ABRIL '96

Tradução de Regina Valente

26 DE JULHO DE 2002

1

– Era alta, magra, jovem e bonita – afirmava a mulher, uma dona de casa com cerca de 60 anos, baixa e redonda como uma bola. – Eu ia a sair da igreja, depois da missa, quando ela entrou. Eu até trazia o saco das compras – explicou, indicando o saco de plástico pousado no chão –, mas ela não tinha nada na mão. Apenas trazia um saco a tiracolo, de pano colorido, com franjas e espelinhos. Sabe o que me pareceu, comissário, um daqueles sacos orientais. Mesmo o páreo apertado de lado, que lhe cobria as pernas até aos tornozelos, e o lenço na cabeça, pareciam de tecido indiano. Passou ao meu lado e deixou um odor de perfume muito bom. Parei a olhar para ela: era um espanto. Até pensei que fosse modelo. Vi-a entrar nesta capela e ajoelhar-se em frente à imagem de Santa Teresa do Menino Jesus. Naquele momento, fui-me embora. Saí da igreja e, ao atravessar a praça, encontrei uma conhecida minha com quem fiquei a conversar um bocado. Depois entrei no café em frente para tomar um descafeinado. Sabe, é que a cafeína faz-me mal. Estava a saborear o meu café na santa paz do senhor, quando ouvi a sirene da ambulância. Foi só o tempo de esvaziar a chávena e, da porta do café, vi que tinha parado em frente à igreja. Então atravessei a praça a correr, tanto quanto eu consigo correr, porque tenho um enfisema. De qualquer maneira, quando lá cheguei, os enfermeiros estavam a transportar a rapariga. Eu olhei para ela. O rosto, tão bonito, estava coberto de sangue. Um bife, comissário. Santo Deus, em que estado a puseram! E logo aqui, na casa do Senhor!

Tirou um lenço do bolso do vestido e limpou uma lágrima. Estava sentada na borda de um banco, ao lado do comissário, na capela de Santa Teresa. Em frente a eles, os peritos da polícia fotografavam algumas manchas de sangue, no chão, evidenciadas por um risco branco de giz. Do alto de um pedestal, Santa Teresa do Menino Jesus parecia observar, com uma infinita piedade, a cena que se desenrolava aos seus pés.

– Muito obrigado, minha senhora – disse o comissário, que tinha ouvido a história com atenção.

Os homens da Brigada Anticrime esquadrihavam todos os cantos da igreja, tentando fazer o mínimo de barulho possível, por respeito ao lugar onde se encontravam.

– Quem é que pode tê-la agredido de uma maneira tão brutal? – perguntou a mulher.

O comissário olhou para ela, pensativo. Depois sorriu-lhe e disse:

– Havemos de descobrir, fique sossegada.

O comissário chamava-se Giovanni Bonanno e tinha passado toda a vida nas forças da ordem. Por mérito foi subindo degrau a degrau e acabou por chegar a chefe da Brigada Móvel de Milão.

Poucos momentos antes, ainda se encontrava no seu gabinete na esquadra, rolando entre os dedos o terceiro cigarro do dia. Ainda teria de esperar dez minutos antes de o acender, porque prometera a si próprio fumar só um por hora. Entretanto, olhava pela janela para o céu sereno daquela manhã de julho, o que o fazia desejar ir pescar para o rio. Lamentando o facto de não o poder fazer, ia permitir-se, pelo menos, o prazer antecipado do cigarro, quando o inspetor Capuzzo irrompeu no gabinete.

– Já não se usa bater à porta? – disse com agressividade, enquanto renunciava a acender o isqueiro que apertava na mão.

– Desculpa, mas chegou agora uma comunicação da central. Agrediram uma mulher em San Marco – anunciou de um só fôlego.

A igreja, ao fundo da via Fatebenefratelli, ficava a um quarteirão da esquadra. Chegaram ao local em poucos minutos. San Marco parecia deserta. Depois, de uma capela lateral saiu um reduzido grupo de pessoas: a dona de casa com o saco das compras, um jovem

sacerdote com uma cabeleira farta, um velhote alto e magro e alguns curiosos atraídos pela sirene da ambulância.

O padre explicou sucintamente as condições em que a vítima fora encontrada. Tinha celebrado, como todas as manhãs, a missa das oito e meia no altar-mor. Depois foi tomar o pequeno-almoço. Cerca das nove e meia estava outra vez na igreja para a leitura dos Salmos e a meditação sobre o Evangelho. De repente, ouviu o barulho de uma queda atrás de si. Pousou o livro sagrado no atril do altar-mor e olhou em volta. Não havia ninguém. Então avançou pela coxia central até que, do lado esquerdo, viu um homem no chão, a tatear à procura de um apoio para se levantar. Era o velhote trémulo que agora estava sentado, em silêncio, ao lado da dona de casa.

O homem contou ao comissário que se tinha deixado ficar por ali depois do fim da missa, porque na casa do Senhor se sentia menos só.

– Desde que fiquei viúvo – disse –, a surdez torna a minha solidão ainda mais penosa.

Quando se decidiu a deixar a igreja, viu uma mulher estendida no chão na capela de Santa Teresa. Parecia morta. Assustou-se e gritou para pedir ajuda, mas nem um único som lhe saiu da garganta. Sentiu-se mal e caiu onde o padre o foi encontrar, após o que, descoberto o corpo da mulher, correu até à sacristia para ligar para o 118. Foram estas as informações que o comissário recolheu. Nessa altura, depois de ter mandado embora as testemunhas, Bonanno ficou na capela a organizar os dados que possuía. Uma mulher, jovem e bonita, entrou na basílica pouco depois das nove da manhã de um dia útil, para rezar. Segundo o testemunho da dona de casa, a mulher estava sozinha e não parecia assustada. A certa altura, alguém a atacou. Talvez o agressor se encontrasse já na igreja e estivesse à espera dela. Talvez a tivesse seguido. O comissário formulava rapidamente as suas hipóteses, enquanto a mão, enfiada no bolso do casaco, martirizava o maço de cigarros. O único dado seguro era a hora da agressão, ocorrida enquanto o sacerdote tinha ido tomar o pequeno-almoço e o homem idoso, isolado pela surdez, se demorara junto ao altar-mor, que ficava a cerca de trinta metros de distância do local do crime.

– Capuzzo, o que é que vocês encontraram? – perguntou Bonanno ao inspetor, que ia a entrar na capela.

– Descobrimos um objeto contundente – respondeu Capuzzo, que lhe mostrava um candelabro de latão. A base facetada estava suja de sangue. Bonanno anuiu. Um dos peritos da polícia tomou conta dele e enfiou-o num saco de plástico.

– Estava dentro de um confessionário, ao fundo da igreja – explicou o inspetor. Depois leu os apontamentos do comissário.

– Encontrámos uma fotografia a preto e branco, um lenço de mão de algodão branco e um frasco com vaporizador de perfume *Chanel* – anunciou.

– É tudo? – perguntou Bonanno.

– Pelo menos para já. Estes objetos devem ter caído do saco, do qual não há vestígios, como confirmam também os enfermeiros da ambulância.

O comissário assentiu.

– Notícias da rapariga?

– Foi levada para o Hospital Niguarda e foi operada no serviço de Urgência de Cirurgia. Está lá um dos nossos homens – informou o inspetor.

– Vamos ao hospital – decidiu Bonanno.

Durante o trajeto, o comissário telefonou para o tribunal para informar o magistrado.

Na sala de espera do serviço de Cirurgia, Bonanno encontrou o cirurgião que tinha operado a jovem.

– A paciente ainda não recuperou a consciência. O hematoma no crânio deve ser reabsorvido espontaneamente. Fizemos a sutura de uma ferida extensa na pele. Transferimo-la para os Cuidados Intensivos. Vamos mantê-la lá até ela recuperar completamente. – E acrescentou: – Para sua informação, quem a agrediu deu um único golpe, para a fazer desmaiar. Suturámos a ferida sem problema nenhum. Ela está bem. É preciso avisar a família – concluiu.

– Por enquanto, ainda não conhecemos a identidade dela. Roubaram-lhe o saco onde tinha os documentos. Temos de iniciar as investigações de rotina o mais depressa possível – replicou o comissário, enquanto tirava um cigarro do maço. – Haverá algum sítio onde se possa fumar em paz? – perguntou.

O cirurgião sorriu e indicou-lhe uma porta envidraçada que

dava para uma varanda. – Ali fora, comissário. Como sempre, lembre aos seus homens para serem rápidos e discretos. Assim que houver novidades, eu informo-o – disse.

Sabia que os peritos tinham de recolher as impressões digitais da vítima, fotografá-la, efetuar todas as investigações importantes para o caso. Em breve iriam descobrir muitos dados acerca dela e, provavelmente, acerca do agressor.

– A vítima defendeu-se – acrescentou ainda o cirurgião, quando se preparava para regressar ao bloco operatório. – Ou, pelo menos, deve ter tentado defender o saco que trazia a tiracolo. Tratámos-lhe uma escoriação que tinha no ombro. – Transmitia as informações a conta-gotas.

– É tudo, professor? – perguntou Bonanno, impaciente, enquanto rolava o cigarro entre os dedos.

– A seguir ao golpe na nuca, caiu para a frente. Não há fraturas, mas o rosto está coberto de hematomas.

O comissário anuiu, recordando o testemunho da dona de casa. Deu dois passos em direção à porta que dava para a varanda. O cirurgião voltou a chamá-lo. Bonanno, mesmo assim, acendeu o cigarro e aspirou longamente. O médico dirigiu-lhe um olhar compreensivo.

– Ofereço-lhe uma última informação. Não sei como seria o rosto daquela mulher antes da agressão, mas posso garantir-lhe que tem um corpo escultural. Lindíssimo.

– Muito bem. Já me tinham dito isso – resmungou Bonanno. Saiu para a varanda e saboreou, finalmente, o terceiro cigarro do dia.

27 DE JULHO DE 2002

1

Lucia Bonanno Brambilla pousou na mesa da cozinha uma taça cheia de esparguete com molho de tomate, manjeriço e pimento. Era alta e tinha um corpo sólido, bem modelado. Era de Milão. Os cabelos loiros e os olhos azuis fascinaram o inspetor da polícia Giovanni Bonanno quando a encontrou na praia de Mondello, perto de Palermo. Tinham passado trinta anos desde aquele primeiro encontro. Lucia era então uma jovem professora, em férias com umas amigas. Bonanno fez-lhe a corte com discrição. Ela apreciou a solidez moral do siciliano. Não foi amor à primeira vista, apaixonou-se por ele a pouco a pouco. Depois casaram.

Durante muito tempo ficaram na Sicília, onde nasceram os dois filhos. Viviam em Milão há doze anos, desde que Giovanni fora nomeado vice-comissário da Brigada Anticrime da Lombardia. Profundo conhecedor dos mecanismos da Máfia, obteve resultados importantes em investigações complexas sobre as ligações entre o crime organizado, o mundo político e o dos negócios. Mais tarde foi promovido a comissário. A família e o trabalho eram toda a sua vida. Este último, porém, absorvia quase por inteiro o seu tempo. Quando os filhos eram ainda pequenos, a senhora Bonanno lamentava-se, dizendo «Pareço uma mãe solteira.» Giovanni desaparecia durante dias e dias sem sequer poder dizer onde estava, nem do que andava a investigar. Lucia temia por ele, porque o sabia empenhado em operações perigosas. Escondia a sua ansiedade por detrás de uma aparente frieza, que o marido tentava atenuar, consciente de ser a causa daquela inquietação.

O comissário tinha chegado a casa meia hora antes e beijara-a levemente na face, enquanto falava com alguém ao telemóvel. Lucia foi para a cozinha e pôs a ferver a água para o espartuete.

Agora a massa já estava na mesa e o marido continuava ainda a falar ao telefone. Andava para trás e para diante na pequena sala de estar do apartamento. Era um sinal inequívoco: significava que tinha nas mãos um caso importante.

A senhora Bonanno apareceu à porta da sala e, por gestos, deu-lhe a entender que o almoço estava pronto. O comissário não replicou e acendeu um cigarro.

– *Terrone*,¹ galfarro, fumador! Mas quem foi que me mandou casar contigo? – resmungou, enquanto regressava à cozinha. Bateu a porta com força, sentou-se à mesa e começou a comer sozinha.

O marido foi ter com ela pouco depois e sorriu-lhe. – E a mim, quem foi que me mandou casar com uma mulher, com mau feitio, como tu?

Como única resposta, a senhora Bonanno agarrou numa fatia de pão e atirou-lha. Ele apanhou-a no ar.

– Sabes o que foi que Sócrates disse à mulher, Xantipa, quando ela lhe partiu uma jarra na cabeça? – brincou o comissário, enquanto se sentava à mesa. E continuou: – «Tanto trovejou, que acabou por chover.» Xantipa ficava sempre furiosa, como tu, porque o marido passava mais tempo com os discípulos do que com ela – concluiu Bonanno, enterrando o garfo na massa.

– Pobre mulher, como eu a entendo – suspirou a senhora Bonanno, que começava finalmente a acalmar.

O telefone tocou na sala de estar. Ela olhou o marido nos olhos. – Se atendes, espeto-te – preveniu-o, segurando o garfo com um ar ameaçador.

Ele continuou a comer e deixou que o gravador de chamadas entrasse em funcionamento. Lucia viu que ele estava em pulgas, mas fez de conta que não percebeu. Naquele momento tocou também o telemóvel. Bonanno desligou-o. A mulher deu um suspiro

¹ Designação depreciativa com que os italianos do Norte designam os do Sul.

resignado e disse: – Anda lá, despacha esse assunto. Eu mantenho-te o prato quente. Espero que consigas acabar o almoço.

O comissário limpou a boca com o guardanapo. – És uma querida – agradeceu.

– O que é que se está a passar, desta vez? – perguntou ela.

– Um roubo numa igreja – respondeu, enquanto se levantava da mesa.

– Atacaram o padre?

– Agrediram uma mulher. Jovem e muito bonita, ao que parece. Deram-lhe uma pancada na cabeça com um candelabro e levaram-lhe a carteira. Antes de ser atacada, ela tentou defender-se e, por baixo das unhas, os peritos encontraram pedaços de pele do agressor. Fizeram-se algumas análises que nos permitiram identificá-lo. Tem cadastro nos nossos arquivos por furto de joias e relógios de marca. É pouco provável que a vítima tivesse joias e relógios valiosos num saco de pano. Não achas? Em suma, tem todo o ar de ser um roubo muito estranho.

– Giovanni, vais reformar-te daqui a três meses. Como é que vais conseguir sobreviver sem os teus mistérios? – perguntou a mulher, com doçura.

– Vou compensar o tempo que te roubei em trinta anos de casamento. Pinto as paredes da casa, levo-te à pesca e trato do jardim da nossa casa do lago – disse, sem convicção.

– Vais entrar em depressão e eu vou ter de inventar qualquer coisa que dê sentido ao tempo que nos resta para vivermos juntos – comentou ela, com alguma amargura.

O marido nem a ouviu. Já estava na sala. Tinha acendido um cigarro, esquecendo as boas intenções do dia, e estava a ler no telemóvel o número da chamada que não tinha atendido. Era do seu gabinete. Sentou-se no sofá e ligou a Capuzzo.

– Há novidades? – perguntou o comissário.

– O Terlizzi já tentou contactar-te por três vezes. Quer um relatório completo sobre o caso San Marco – informou o inspetor.

Terlizzi era o magistrado que acompanhava o processo. Tinha recebido um primeiro relatório e queria saber se havia mais desenvolvimentos, porque a identidade da vítima ainda estava envolvida

num grande mistério, enquanto a do agressor suscitava algumas interrogações.

Chamava-se Gerlando Randazzo e era oriundo de Trapani. Havia quem afirmasse que ele tinha ligações fortes a um foragido mafioso sobre o qual pendiam algumas acusações graves.

Bonanno, que tinha adquirido uma longa experiência na Sicília, conhecia bem o mundo da Máfia e nunca deu crédito a essas vozes.

O dito foragido era de grande calibre e Bonanno excluía a hipótese de haver qualquer ligação entre um ladrão de baixo perfil, como Randazzo, e um homem tão poderoso. No entanto, o caso San Marco tinha qualquer coisa de anómalo e Bonanno queria falar sobre isso com Angelo Marengo, o comandante da polícia, antes de contactar o magistrado.

– Se o Terlizzi voltar a ligar, diz-lhe que não me encontre – ordenou o comissário, e perguntou: – Notícias da vítima?

– Boas e más. Fisicamente está a reagir bem, mas parece que tem um problema de memória. Vamos ver o que acontece nos próximos dias. De qualquer maneira, por enquanto, ainda não se conhece a identidade da mulher – concluiu Capuzzo.

Bonanno desligou a chamada sem fazer qualquer comentário.

A mulher entrou na sala de estar com uma chávena de café na mão. – Já tem açúcar – anunciou. – Só precisas de ter o trabalho de o beber. Quanto ao almoço, aqueço-o para o jantar. – Foi sentar-se numa poltrona, em frente do marido.

Ele tomou o café.

– Nem a minha mãe conseguia fazer um café tão bom – elogiou. E acrescentou: – Na tua opinião, porque é que um ladrão de relógios de marca, sem mais nem menos, quase mata uma mulher para lhe tirar um saco indiano de pano?

– Para a oferecer à namorada, que adora sacos indianos – brincou ela, olhando-o com ternura.

O marido era um honesto servidor do Estado. Recebia um salário modesto e juntos tinham feito um enorme esforço para educar os dois filhos e dar-lhes um curso superior.

Agora envelheciam juntos. Giovanni tinha os cabelos grisalhos, papos debaixo dos olhos, e estava a ficar pesado. Ela era ainda loira,

com a ajuda de alguma pintura, e os músculos do rosto tinham perdido firmeza. Mas continuava a ver-se a ela e ao marido como quando eram jovens e bonitos.

– Ora bem, vou trabalhar – disse Bonanno, levantando-se.

– Não vale a pena perguntar-te a que horas chegas logo à noite – resmungou Lucia.

– Vá lá, faz um sorriso para mim – disse ele, enquanto se inclinava para a mulher e lhe afagava uma face.

– Gosto de ti, velho galfarro – sussurrou ela. Depois acrescentou: – Não fiques angustiado. Até porque já sabes que esta história também vai ser resolvida.

– Tu achas?

– Tenho a certeza.